



DESENCONTROS ENTRE AS NOÇÕES DE PULSÃO DE MORTE E COMPULSÃO À REPETIÇÃO EM “ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER” (FREUD, 1920)



Sidney da Silva Pereira BISSOLI
Faculdade de Ciências da Saúde – FASU / ACEG

RESUMO

O conceito de pulsão de morte vem sendo rodeado de muita polêmica, desde seu aparecimento, pela primeira vez, em “Além do princípio de prazer” (1920). A noção de compulsão à repetição, por sua vez, ocupa lugar de maior credibilidade, por se tratar de um dado irrecusável da experiência analítica, a despeito das divergências teóricas. O presente estudo teve como principal objetivo examinar as bases da equivalência entre as noções de pulsão de morte e compulsão à repetição, através de uma leitura próxima (close reading) do quarto parágrafo do capítulo V de “Além do princípio de prazer” (1920). Concluiu-se que a equivalência apontada acima foi construída em bases incertas, aproximando-se termos com relativa distância semântica, como ‘repetir’ e ‘restaurar’. Isso não significa que o conceito de pulsão de morte deva ser excluído do corpo teórico psicanalítico, mas que sua relação com os fenômenos da compulsão à repetição precisa ser reconsiderada.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise – pulsão de morte – compulsão à repetição

Tema Central: Psicologia

ABSTRACT

The concept of death instinct has been surrounded with much controversy, since its appearance, for the first time, in “Beyond the pleasure principle” (1920). The notion of compulsion to repeat, by its side, has taken a place of more credibility, as it is an irrecusable fact from analytic experience (although there are differences in relation to the theoretic explanation of this phenomenon). The present research had as main purpose to investigate the foundations in which was set up the equivalence between death instinct and repetition compulsion. It was made by a close lecture of “Beyond the pleasure principle” (1920), chapter V, fourth paragraph. We concluded that this equivalence was set up on uncertain foundations, by the fact that semantically different words were put together as similar, like ‘to repeat’ and ‘to restore’. It does not mean that the concept of death instinct must be banned from psychoanalytic theory, but only that its relation to repetition compulsion need to be reconsidered.

KEY-WORDS: psychoanalysis – death instinct – compulsion to repeat

1 - INTRODUÇÃO

Freud introduziu o conceito de pulsão de morte em 1920, em seu trabalho “Além do princípio de prazer”, e os escritos posteriores do criador da Psicanálise revelam que esse conceito foi, plenamente, incorporado ao pensamento freudiano.

A noção de pulsão de morte gerou, desde o início, muita polêmica no pensamento psicanalítico, haja vista alguns autores fazerem desse conceito a pedra angular de suas teorias, como é Melanie Klein; outros preferiram dar destinos diferentes aos fenômenos que a clínica nos impõe, como Winnicott.

No que diz respeito à noção de compulsão à repetição, embora a Psicanálise tenha lidado com fenômenos de repetição desde o início, segundo Laplanche e Pontalis (2001), algo como uma compulsão a repetir passou a ser invocado, pela primeira vez, em “Recordar, repetir e elaborar” (FREUD, 1914). Trata-se de um conceito que goza de maior credibilidade em relação à noção de pulsão de morte,

uma vez que “é reconhecida como um dado irrecusável da experiência psicanalítica” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 85), embora haja divergências quanto à sua explicação teórica.

Neste trabalho, pretendemos: 1) situar a gênese do conceito de pulsão de morte em “Além do princípio de prazer” (1920); 2) apresentar de que forma foi estabelecida uma equivalência entre as noções de pulsão de morte e compulsão à repetição; 3) analisar a solidez dessa equivalência.

2 - MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi baseado em um trabalho de leitura próxima (close reading) do texto completo “Além do princípio de prazer” (FREUD, 1920), em especial, do quarto parágrafo do capítulo V do mesmo.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciarmos a leitura do texto “Além de princípio de prazer” (FREUD, 1920), percebemos que o autor está bastante interessado no fenômeno da compulsão à repetição, evidente nas brincadeiras infantis, nos sonhos de pessoas que sofrem de neuroses traumáticas, nas neuroses de destino e no decorrer do próprio tratamento psicanalítico, através da “transferência”. Freud já havia tratado da compulsão à repetição em outros trabalhos como “Recordar, repetir e elaborar” (1914). No artigo, “O estranho” (1919), sugeriu que ela é derivada da natureza mais íntima dos instintos. No entanto, em “Além do princípio de prazer” (1920), a associação entre a compulsão à repetição e a qualidade de ser pulsional surge de forma inequívoca. Pergunta-se o autor:

“Mas como o predicado de ser ‘instintual’ se relaciona com a compulsão à repetição? Nesse ponto, não podemos fugir à suspeita de que deparamos com a trilha de um atributo universal dos instintos e talvez da vida orgânica em geral que até o presente momento não foi claramente identificado ou, pelo menos, não explicitamente acentuado. *Parece, então que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas*, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica” (1920, p. 47).

Dois pontos neste trecho merecem ser destacados:

1. É através do ‘restaurar um estado anterior de coisas’ que as pulsões foram vinculadas à compulsão à repetição;

2. Freud atribui o ‘restaurar um estado anterior de coisas’ a todo grupo de pulsões.

Com relação ao segundo item, ele será questionado pelo próprio Freud, que, em alguns trechos do texto, estabelecerá uma oposição, mais ou menos simples, entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, de modo que as primeiras passarão a impulsionar “no sentido do progresso e da produção de novas formas” (1920, p. 48); por outro lado, as últimas, estas sim, visarão a restaurar um estado anterior de coisas que, em última instância – Freud afirmará mais adiante – é o estado inorgânico ou, em outras palavras, a própria morte. É por esse motivo que situamos a gênese da noção de pulsão de morte nesse trecho transcrito, mesmo que Freud ainda não tenha empregado, explicitamente, o conceito. Afinal, é o objetivo (atribuído, posteriormente, à pulsão de morte) de restaurar um estado anterior de coisas que conduzirá à restauração do estado inorgânico; este, por sua vez, levará à abreviação, tão breve quanto possível, da existência do organismo (desde que realizada ao próprio modo deste).

No entanto, o ponto central de nossa discussão refere-se ao primeiro item. Como foi referido, há uma associação íntima entre a ‘compulsão à repetição’ e o ‘restaurar um estado anterior de coisas’, ou seja, entre ‘repetir’ e ‘restaurar’. Contudo, caso nos detenhamos, mais atentamente, ao significado desses termos, entenderemos que Freud está tratando de fenômenos distintos, possivelmente, sem se aperceber dessa diferença. Assim, no “Novo Aurélio século XXI”, ‘repetir’ possui, dentre outros significados, os de “tornar a dar-se; acontecer de novo; suceder novamente”. Por outro lado, ‘restaurar’ pode significar “obter de novo a posse ou domínio de (coisa perdida); recuperar, reconquistar, recobrar, reaver”; ainda, “restituir (uma dinastia, um governo derrubado) ao poder”.

Assim posto, fica nítida a diferença semântica que envolve os dois termos: em ‘restaurar’ há muito mais atividade do que em ‘repetir’; naquele, algo foi perdido e precisa ser reconquistado, restabelecido, diferentemente deste, em que algo, simplesmente, acontece de novo.

Mais ainda, voltando nossa atenção para o excerto transcrito (1920, p. 47), tem-se que Freud usa o termo ‘inércia’ para significar, em outras palavras, aquilo que foi afirmado através da restauração de um estado anterior de coisas. Inércia é um termo empregado pela Física, e Freud utilizou,

amplamente, o recurso de tomar emprestado conceitos daquela ciência, para descrever fenômenos psíquicos. Analisemos, contudo, mais detidamente, esse conceito. Em Física, caso coloquemos um corpo (inicialmente estático) em movimento, por inércia, ele tende a *manter* o movimento, infinitamente; e sabe-se que o movimento apenas não se mantém porque há forças que se opõem a ele, fora do vácuo. Nesse caso, porém, o importante é reter a idéia de que, por inércia, o corpo tende a *manter* o movimento. Portanto, a equivalência entre 'restaurar um estado anterior de coisas' e o conceito de 'inércia' não pode ser mantida, uma vez que 'restaurar um estado anterior de coisas', aqui, seria justamente voltar a permanecer estático (já que foi este o estado anterior), enquanto a inércia procuraria, somente, a manutenção do movimento. Em suma, trata-se de idéias opostas entre si. E, ainda, para que não restem dúvidas, tomamos o "Novo Aurélio século XXI", no qual temos que o termo 'inércia' pode significar "falta de ação, de atividade; letargia; torpor". Repetindo, em 'restaurar' (reconquistar, obter de novo a posse de algo perdido) há muito mais atividade do que os termos repetir e inércia sugerem.

Então, para que equivaler entre si termos como 'repetição', 'restaurar' e 'inércia'? Parece-nos que 'inércia' se liga bem à idéia de 'repetição', mas o mesmo não poderia ser dito com relação a 'restaurar' (um estado anterior de coisas, o estado inorgânico, a morte), um dos objetivos do fenômeno denominado como 'pulsão de morte'.

Assim sendo, a equivalência que foi usada por Freud entre 'compulsão à repetição' e 'pulsão de morte', através do 'restaurar um estado anterior de coisas', fica, definitivamente, abalada; isto significa, do nosso ponto de vista, que a gênese do conceito de pulsão de morte (pelo menos no que diz respeito à relação desse conceito com o 'restaurar um estado anterior de coisas') foi assentada em bases incertas e discutíveis.

Voltando, entretanto, à pergunta levantada anteriormente: para que equivaler termos como 'inércia', 'repetição' e 'restaurar'? Já foi salientado, que a compulsão à repetição gozava (e goza) de maior credibilidade, uma vez que se trata de "um dado irrecusável da experiência psicanalítica" (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 85). A noção de pulsão de morte estava sendo proposta pela primeira vez e, diga-se de passagem, com muita dificuldade (o termo só aparece no sexto capítulo de um trabalho que contém sete). Arriscamos a hipótese de que era importante para Freud associar essa nova candidata ao seletivo grupo de pulsões do corpo teórico freudiano, como a tão conhecida compulsão a repetir, pois, assim, as pulsões recém-invocadas poderiam "pegar uma carona" na credibilidade desta.

Deixemos claro, entretanto, que estamos nos referindo a um determinado aspecto das pulsões de morte, pois esse conceito carrega em si uma gama de significados mais amplos (e contraditórios) do que o exposto aqui; isto faz com que o questionamento de sua relação com a compulsão à repetição (ou, pelo menos, dessa relação tal como apresentada por Freud) esteja longe de invalidar o conceito, mesmo do ponto de vista teórico.

4 - CONCLUSÕES

A partir do presente estudo, entendemos que a gênese – tal como apresentada por Freud, no texto em exame – do conceito de pulsão de morte, a partir dos fenômenos da compulsão à repetição, se revela criticável. Isso não significa que a noção de pulsão de morte deva ser excluída da teoria e da técnica psicanalíticas, mesmo porque o termo se reveste de significados ainda mais amplos, do que os que puderam ser considerados neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, 1996.

_____. O estranho. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, v. 17, 1996.

_____. (1920). Além do princípio de prazer. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, v. 18, 1996.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.